

PLANOS DE GUERRA

Gen. Div. J.F.C. FULLER

Transcrito da Revista "Ejército", da Espanha e traduzido da Revista "Memorial del Ejército de Chile", de Novembro-Dezembro de 1953, pelo Maj. J.P. ANEAS.



PROBLEMA do Ocidente consiste, em primeiro lugar, em impedir que a Rússia alcance o primitivo objetivo de Lenine por meio da força militar, e em segundo lugar, em explorar a debilidade moral da União Soviética.

Todo plano de guerra exige que o Governo defina, primeiramente seu objetivo político, e em segundo, que seus estrategistas concretizem os meios de conseguí-lo. Procedendo de uma maneira racional, o objetivo deve estar relacionado com as causas mais prováveis da guerra, e os meios devem ser suficientes em tempo de guerra para criar uma situação dentro da qual possa realizar-se essa finalidade. Por conseguinte, o fim deve estar relacionado com os meios, porque conseguí-lo não deve estar fora do alcance do poder que representam.

UM PROBLEMA COMPLEXO

Considerado em conjunto, isto constitui um problema sumamente complexo, que abrange grande quantidade de fatores políticos, geográficos, industriais, econômicos, estratégicos, logísticos, táticos, sociais, morais, etc., praticamente, todos os potenciais de guerra dos prováveis beligerantes.

Quando se estudam seus valores, chega-se à conclusão de que uns são mais importantes que outros. Entre os mais importantes, os estrategistas devem decidir qual dê-

les é de tão vital interesse para o inimigo que, uma vez privado dêle, lhe resulte provável a perda da guerra. A este fator chamarei "centro de gravidade estratégico da guerra". Porque este deve constituir a base de todo plano de guerra, é minha intenção fazê-lo meu tema principal.

Até onde alcançam meus conhecimentos, Clausewitz foi o primeiro tratadista de guerra que abordou este assunto. Tratando de uma guerra contra uma coligação, disse o seguinte:

No caso em que um dos Estados tenha interesses e forças tão superiores aos outros que estes dependam dêle para seus êxitos no campo de batalha, "o mais factível é considerar aos diferentes inimigos como se fôssem um só, e quanto mais possamos simplificar nosso objetivo capital, concentrando nossos esforços para aplicar-lhe um golpe, o mais violento possível, por qualquer meio, tanto mais tenderemos para o êxito completo e definitivo". A seguir acrescenta:

CENTRO DE GRAVIDADE

"Podemos, portanto, assentar como princípio, que estaremos em condições de bater todos nossos inimigos, vencendo a um dêles. A derrota dêste deve ser o objetivo da guerra, porque ao vencê-lo destruiremos o centro comum de gravidade de toda a guerra."

Clausewitz falava, principalmente, de forças militares, porque em seu tempo os potenciais de guerra

eram poucos e simples. Mas como, atualmente, são muitos e complexos, todos devem ser incluídos em sua idéia e, sendo minha intenção fazê-lo assim, peço indulgência ao leitor e rogo-lhe que não seja um crítico demasiado severo no caso de não estar de acôrdo com minhas deduções.

COMO UM CÍRCULO

Além do mais, o ponto de real importância não é se as conclusões estão certas ou não, mas sim, como ocorre com um círculo, cada plano de guerra deveria ser traçado em torno de um eixo: o centro de gravidade estratégico da guerra.

Com a finalidade de esclarecer isto, vou examinar primeiramente, de forma superficial a Segunda Grande Guerra, e a seguir, a situação política e estratégica atual.

Ainda que a História demonstre que as causas da guerra são múltiplas, em nossa civilização industrial dois pontos são predominantes: o econômico e o ideológico.

Assim, com referência ao primeiro, em setembro de 1919, o Presidente Woodrow Wilson disse, falando da Primeira Guerra Mundial: "Concidadãos, existe algum homem ou mulher aqui, até posso dizer alguma criança, que não saiba que a semente da guerra na época moderna é a rivalidade industrial e comercial? Este conflito, em sua origem, foi uma guerra comercial e industrial. Não foi uma guerra política".

O mesmo pode-se dizer da Segunda Guerra Mundial. Não foram as doutrinas políticas de Hitler que a precipitaram, senão o êxito de sua nova ordem econômica, baseada no câmbio e comércio subvencionado, com a qual pôde evitar ou superar as barreiras aduaneiras de seus competidores, vender a preços mais baixos que eles e aumentar o número dos sem trábalo nos países rivais.

ALEMANHA BLOQUEADA

Hitler não levou em conta que, além das diversas causas potenciais da guerra, seu ataque contra

a potencialidade econômica e comercial de seus competidores chegou a converter-se na razão predominante da mesma. O que êle viu foi que um país bloqueado, como era a Alemanha, nunca poderia sentir-se seguro enquanto não conseguisse o domínio terrestre.

Por outro lado, com o objetivo de neutralizar um segundo bloqueio — o fator decisivo que fez a Alemanha perder a Primeira Grande Guerra — êle considerou como fundamental estender seu espaço vital.

Isto está claramente exposto em *Mein Kampf*, no qual escreveu: "Nós, os nacionais-socialistas, traçamo-nos, propositalmente, uma linha de conduta para a política, exterior alemã. Puzemos fim à marcha perpétua da Alemanha para o Meio-Dia e o Ocidente Europeu, e voltamos os olhos às terras do Oriente... Quando falamos de nossos territórios na Europa atual, devemos pensar, principalmente, na Rússia e nos estados limítrofes submetidos a ela".

Quando estalou a guerra, êste propósito se complicou com um fato aparentemente contrário ao que Hitler esperava; sua invasão da Polônia induziu a Inglaterra e França a lhe declararem a guerra. Isto quer dizer que, no momento em que se resolvesse invadir a Rússia, encontrar-se-ia forçado a fazer a guerra em duas frentes. Para evitá-lo, decidiu aniquilar, em primeiro lugar, a seu inimigos ocidentais.

Esta foi uma operação preventiva, uma guerra para evitar que a Alemanha fôsse atacada pelas costas, uma vez se se empregasse a fundo na Rússia. Onde estava seu centro de gravidade estratégico? No Canal da Mancha, pois, a não ser que a Inglaterra fôsse invadida e submetida, a frente oriental continuaria existindo.

Mas Hitler não estava de forma alguma preparado para invadir a Inglaterra e, por outro lado, os meios para fazê-lo não podiam ser improvisados com rapidez. Isto é tão certo, que abandonou o projeto depois de seu fracasso aéreo contra a Inglaterra.

De acôrdo com Napoleão, a mudança da própria linha de conduta é um ato genial; mas o General que fracassa neste particular merece ser fuzilado. Tal ponto foi o que ocorreu a Hitler.

O PLANO BARBARROXA

Enquanto isso, seu objetivo de conseguir o espaço vital na Europa Oriental, havia sido elaborado dentro do plano Barbarroxa. Qual foi seu centro de gravidade?

A resposta é complexa, porque Hitler não podia ter jamais a esperança de conquistar pela força a totalidade da Rússia. Sabendo, contudo, que era um império, com muitas nacionalidades violentamente opostas ao regime bolchevista, das quais os ucranianos somavam quarenta e dois milhões, erigiu-se em líder de uma causa e ofereceu-lhes a libertação. A probabilidade era que com sua cooperação pudesse aplicar um forte golpe à Rússia.

Sua finalidade, no entanto, não era a libertação, e sim, sua conquista; por conseguinte, o centro de gravidade de seu plano tinha de sair do campo psicológico para o estratégico. Era o de ocupar Moscou, não por causa de seu valor político, mas sim, porque era o centro das ferrovias russas, as quais, uma vez arrebatadas à Rússia, teriam-na destruído logisticamente.

SOLDADOS DESERTORES

Quando Hitler ordenou o avanço sobre Moscou, em junho de 1941, centenas de milhares de soldados russos, em sua maioria de nacionalidades não russas, desertaram para incorporar-se aos Exércitos alemães, que, na Rússia Branca e Ucrânia foram recebidos pelas populações civis como libertadores.

Mas foi tal a brutalidade e crueldade alemãs, que essa gente desiludiu-se em seguida, e cessaram as deserções e ajudas, o que foi um fator ainda mais importante na salvação de Moscou do que a severidade do inverno.

Em 1942, havendo fracassado na conquista de Voronezh, Hitler, uma vez mais, abandonou sua linha de conduta para buscar seu objetivo nas jazidas petrolíferas do Cáucaso. Este foi um destino fatal para suas operações. Os Exércitos russos que se encontravam na região do Volga foram reforçados, e o que Hitler ganhou foi a derrota de Stalingrado.

Ainda que Hitler tenha fracassado em sua guerra, a Inglaterra e a França, e mais tarde os Estados Unidos, cometeram tantos erros quanto ele. Ao entrarem na guerra, estas nações fizeram constar que sua finalidade era puramente ideológica: o extermínio do hitlerismo. Onde estava seu centro de gravidade? No coração do povo alemão, porque se este estivesse persuadido de que devia rebelar-se e derrubar o regime de Hitler, o hitlerismo teria sido destruído pelo próprio povo, como o foi o kaiserismo em 1918.

Isto não foi levado em conta, e enquanto na Primeira Guerra Mundial os "quatorze pontos" do Presidente Wilson puzeram uma linha divisória psicológica entre os chefes inimigos e seus povos, induzindo-os a encurtar a guerra, na segunda, a "Rendação Incondicional" do Presidente Roosevelt atrasou a queda da Itália e fez com que a resistência da Alemanha fôsse fanática.

Este desatino psicológico não só dilatou a duração da guerra, como também conduziu à fixação da autocracia russa sobre quase todo o Oriente Europeu e de uma boa parte da Europa Central.

Esqueceu-se, que o centro de gravidade de uma guerra ideológica é psicológico, tanto, que o bombardeio estratégico foi absolutamente mal aplicado como propaganda, pois, em vez de ser dirigido contra os nós das vias de transporte alemãs, o que ocasionaria uma paralização crescente do tráfego, tanto civil como militar, e desmoralizaria o povo e desorganizaria as forças combatentes, seu objetivo principal foi destruir a moral civil alemã.

INABILIDADE

Nada podia ter sido mais contra-producente, porque, como tem demonstrado a História repetidas vezes, um povo leal não pode ser aterrorizado rapidamente de modo a obrigá-lo a submeter-se, e, ainda que algumas partes do mesmo sejam desleais — como foi o da Alemanha —, privá-lo de suas casas e da sua subsistência é mais provável que o induza a depender de seu governo, para conseguir os meios de sobrevivência, e, por conseguinte, o estimularão a aceitar sua autoridade mais facilmente do que traí-la.

Finalmente, apesar de a Alemanha ter sido derrotada devido aos grandes desacertos cometidos, o certo é que substituído o hitlerismo pelo stalinismo, a finalidade política anglo-americana nunca pôde ser alcançada.

GUERRA INTERCONTINENTAL

Devido a esta circunstância, a presente situação estratégica é incomparavelmente pior agora do que em 1938. Então, as causas da guerra encontravam-se dentro da civilização ocidental e assim a guerra foi internacional. Agora, essas causas radicam-se entre o que resta dessa civilização e o orientalismo asiático, motivo pelo qual a guerra se fez intercontinental.

Dêste modo, uma vez mais, a Europa se encontra à frente de um problema básico estratégico, que desde os tempos de Xerxes e Dario, tem sido a defesa de sua fronteira oriental contra a agressão asiática.

Até a deflagração da Primeira Guerra Mundial, os grandes bastiões contra a Ásia eram os Impérios austro-húngaro e alemão. O primeiro desapareceu em 1919, e o segundo, em 1945; desde então, os eslavos voltaram ao que eram nos dias de Carlos Magno. Além disso, a desmilitarização do Japão aliviou a Rússia de qualquer preocupação com referência a uma segunda frente de guerra.

QUAIS SÃO OS PROPÓSITOS RUSSOS ?

A desmobilização dos Exércitos que o Ocidente possuía durante a guerra e a retenção da maior parte do Exército russo em pé de guerra, entregaram a iniciativa estratégica ao Kremlin. Por isso, a primeira pergunta, é conhecer os fins da política russa.

Há mais de trinta anos Lenine deixou assentado esse propósito que, invariavelmente, foi prosseguido por Stalin. Trata-se de "obter o triunfo da revolução mundial, para criar a república soviética do mundo". Em outras palavras, a revolução mundial significa a expansão russa.

O primeiro objetivo que Lenine se propôs neste vasto plano de conquista foi "unir o proletariado industrial da Alemanha, Áustria e Checoslováquia com o proletariado russo e assim obter uma poderosa combinação industrial e agrária desde Wladivostock ao Reno". Logo, estrategicamente, considerada, a Europa Central seria o centro de gravidade do plano de Lenine, e, uma vez sovieta, deixaria livre o caminho de conquista mundial.

DESINTEGRAÇÃO MORAL

Com que meios estratégicos se propôs levar a cabo a empresa? Como todas as modalidades da política soviética, esses meios também se devem a Lenine.

"A melhor estratégia de guerra — disse êle — consiste em adiar as operações até que a desintegração moral do inimigo torne possível e fácil desfechar-lhe o golpe mortal."

Portanto, neste sistema de guerra, o psicológico precede ao ataque militar e à defesa; mas — note-se bem — não predomina sobre o poderio militar, porque êste é tão essencial para a guerra psicológica como para a guerra propriamente dita.

A Rússia de hoje possui um imenso poderio militar que compreende dois milhões e oitocentos mil homens em pé de guerra, força que pode ser duplicada mediante a mobilização. Esta gigan-

tesca massa combatente tem dois fins. O primeiro é apoiar a guerra psicológica da Rússia com u'a massa de terror, ameaça permanente para todos os que se lhe oponham. O segundo fim é defender-se no caso de que sua ofensiva psicológica conduza à guerra efetiva.

Vendo que as potências ocidentais não podem rivalizar numericamente com seu potencial militar humano, em nenhuma circunstância, de que a Rússia projeta defender-se no caso de sua política conduzi-la à guerra? Há dois argumentos: o primeiro é o de que, no evento de um avanço para Oeste, seus soldados penetrariam em uma zona contagiosa e correriam o risco de serem infectados pela cultura ocidental; o segundo, e mais importante, é que o mais temível inimigo da Rússia se acha dentro e não fora de suas fronteiras.

O que ocorreu na Primeira Grande Guerra? A Rússia não foi derrotada pela Alemanha e sim pela revolução interna fomentada por Lenine, que ofereceu a libertação do domínio czarista a tôdas as nacionalidades não russas que se encontravam dentro do império, e quando esta libertação foi obtida, o que lhes ofereceu, a seguir, foi a autodeterminação.

Mas, uma vez o regime czarista derrubado e que Trotsky já creara um respeitável Exército russo, Lenine voltou a submeter a todos os povos não russos pela força das armas.

COMEÇA A REVOLUÇÃO

Como foi dito anteriormente, uma coisa muito parecida aconteceu na Segunda Grande Guerra. Tão logo a Rússia foi invadida pela Alemanha, a revolução contra a autocracia bolchevista começou a brotar, e se Hitler houvesse sido tão astuto quanto Lenine, é provável que a contra-revolução se estendesse depondo o regime bolchevista, como em 1917 havia derrubado o czarista.

O certo é que a União Soviética é um gigante com pés de barro, e, devido a isto, e não à bomba atômica, o Kremlin teme lançar-se a uma guerra agressiva.

Qual é, pois, o problema ocidental? Em primeiro lugar, impedir que a Rússia alcance o primeiro objetivo de Lenine por meio da força militar; em segundo, explorar a debilidade moral interna da União Soviética. O centro de gravidade do primeiro, encontra-se na Alemanha Ocidental e o do segundo, no coração dos povos não russos subjugados, que se acham dentro e fora da União Soviética.

A solução do primeiro ponto está em uma exibição de força. Consiste em colocar dentro da Alemanha Ocidental guarnições de tal poderio que tornem puramente especulativo qualquer avanço da Rússia até o Ocidente, porque o Kremlin, tendo em conta a instabilidade interna da Rússia, não se atreverá a expôr-se a uma derrota inicial.

NECESSIDADE DE UM EXÉRCITO OCIDENTAL

Se bem que o reforço das tropas de ocupação tenha sido resolvido, nunca se conseguirá que sua atuação seja eficiente, material e moralmente, enquanto a Alemanha Ocidental não haj criado um Exército poderoso. Ainda então, se a primeira tarefa não conduzir a uma solução do segundo problema, o único que se pode esperar é o eventual deflagrar da guerra, pois a corrida aos armamentos leva, fatalmente, a esta.

Por outro lado, consolidando-se a Alemanha Ocidental, dar-se-á um grande passo a favor das potências ocidentais, quanto ao aspecto estratégico, pois os fatores da debilidade da União Soviética são a grande superfície de seus territórios e a escassês de ferrovias.

A extensão do território faz também com que a defesa aérea da União Soviética seja um problema insuperável, cujas dificuldades se somam pela dispersão crescente das indústrias russas. Por fim, as ferrovias mais importantes que unem a costa do Pacífico com a Polônia e Rumânia, atravessam os Estados Bálticos, a Rússia Branca e Ucrânia, todos eles, países submetidos.

Estes fatos conduzem a uma conclusão geral: que o equipamento

das forças combatentes russas se encontrará em seu máximo estado de eficiência no início da contenda, mas baixará, rapidamente, a medida que esta prossiga. Tal tem sido sempre o câncer do poderio militar russo.

A solução do segundo problema depende de um cuidadoso assessoramento com referência à debilidade interna da Rússia. Seu fator básico é que os habitantes da União Soviética são cerca de 60 % russos e 40 % não russos, e a maior parte destes últimos são inimigos do Governo bolchevista.

Estes numerosos habitantes, que abarcam vinte e quatro nacionalidades — treze dentro do território russo e onze fora —, estão representados pela associação conhecida como o A.B.N. (Bloco de Nações Antebolchevistas), e no qual se incluem Ucrânia, Azerbeidjão e o Turquestão, abarcando cinquenta por cento das fontes produtoras de carvão, ferro, petróleo, bem como dos recursos agrícolas. Cerca de 40 % dos soldados russos são recrutados nos países submetidos.

O objetivo do A.B.N. é conseguir a libertação de seus membros. Opõe-se a toda classe de imperialismos russos, seja tzarista, bolchevista, socialista ou democrático. Seu objetivo é derrubar a União Soviética e restabelecer todos os povos subjugados como nações independentes. Portanto, seus membros não combatem por nenhuma espécie de federação russa.

A SOLUÇÃO

Tais são os fatos que constituem o segundo problema, motivo pelo qual as potências ocidentais devem basear nêles a solução do mesmo.

Deve reconhecer-se que a intolerável dominação bolchevista oferece-lhes o meio de desagregar a Rússia, psicologicamente, e que este

fator não poderá ser explorado se não considerarem, em primeiro lugar que, deve ser obtida a cooperação cordial de todos os povos subjugados. Não é a bomba atômica, mas sim, a idéia de liberdade a que pode triunfar sobre o bolchevismo.

Por conseguinte, se as potências ocidentais querem ganhar a simpatia das nações submetidas, devem inspirar essa simpatia. E para conseguir-lo, devem reconhecer abertamente sua independência e seu direito de autodeterminação, quando as armas ideológicas que agora são empregadas pela Rússia contra todos os países não comunistas, se voltarem contra ela, manejadas por seus próprios povos não russos.

MOVIMENTO DE RESISTENCIA

Pode perguntar-se: por que os ocidentais, que se declaram líderes da liberdade não se valem dos movimentos de resistência clandestino dentro das fronteiras ideológicas da Rússia como meio de fragmentá-la internamente, quando os agentes do Kominform, inspirados pelo Kremlin, ocupam-se incessantemente de estabelecer quintas colunas dentro de seus países?

O objetivo do plano final deve ser a destruição do imperialismo russo, dissociando a União Soviética em seus elementos constituintes e criando Estados nacionais independentes com governos próprios.

A paz mundial será obtida quando o império russo estiver desmembrado, como o foi o dos turcos, e dividido em nações independentes, ainda que estas se façam a guerra, localmente, entre si. Isto é preferível a ter uma Rússia colossal, persistentemente trabalhando na tarefa de subverter a ordem mundial, para conservar no poder menos de dez milhões de burocratas bolchevistas.